

**OS REGISTROS RUPESTRES DA CHAPADA DO ARARIPE, CEARÁ,
BRASIL.¹**

Rosiane Limaverde

RESUMO

Este trabalho apresenta os registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil. Trata-se de identificar os grupos sociais autores dos registros para o estabelecimento de uma identidade gráfica na área, através de uma abordagem teórico-metodológica que compreende essas manifestações gráficas como sistemas particulares de comunicação social. O nosso objetivo é contribuir para identificação de grupos étnicos que se relacionaram com o ambiente da Chapada do Araripe, no contexto da dispersão das diferentes manifestações de registros rupestres, hoje pesquisados no Nordeste do Brasil.

ABSTRACT

This work presents the rock registers of the Chapada of the Araripe, Ceará, Brazil. It is treated to identify to the social groups authors of the registers for the establishment of a graphical identity in the area, through a boarding theoretician-metodológica who understands these graphical manifestations as particular systems of social communication. Our objective is to contribute for identification of ethnic groups that if had related with the environment of the Chapada of the Araripe, in the context of the dispersion of the different manifestations of rock registers, today searched in the Northeast of Brazil.

O ARARIPE

No centro do Nordeste se ergue o Araripe um imenso planalto de formação sedimentar, mais comprido do que largo em sua imponente altitude. Sem dúvida é uma bela paisagem, que do sertão do Ceará ou Pernambuco podemos contemplar a quilômetros de distância, separando-se do espaço por uma regular, extensa e nítida linha horizontal. De longe o vemos azulado, dando-nos a impressão de um encontro do céu com o mar. “Lugar das Araras” é o significado do seu nome “Araripe”, originário da língua Tupi.

A Chapada do Araripe é notícia desde o século XIX e, segundo o Barão de Capanema (1859), é “uma Serra em decomposição” que delimita geograficamente três estados: Ceará, Pernambuco e Piauí. Seus “braços”, ao oeste, se estendem chegando à fronteira do Piauí onde se encontram com a Serra da Ibiapaba. À leste, seus vales férteis chegam até quase o limite do estado da Paraíba pelas Serra do Saco e Serra Verde. Ao sul, em toda a sua extensão, limita-se com o Pernambuco. Ao norte, abre seus flancos avançando em direção a depressão sertaneja cearense.



Figura 1: O Araripe.

O Araripe tem uma forma tabular, medindo cerca de 180 quilômetros de comprimento no seu maior eixo leste/oeste, e com uma variação de cerca 30 a 70 quilômetros de largura no seu eixo norte/sul. No topo da Chapada, a sua área é de 7.500 quilômetros quadrados e sua altitude varia de 1000 a 700 metros. Suas coordenadas geográficas são: 38°30' a 40°55' de longitude Oeste de Greenwich e 7°07' a 7°49' de latitude sul. O seu território envolve em termos geográficos dois espaços do Nordeste:

-A bacia sedimentar do Araripe: constituída de uma zona comprida, alta, que é o topo da chapada, e de uma zona mais limitada, que é o sopé das encostas da chapada. Esta zona limitada é mais ampla ao norte, no estado do Ceará.

-Os setores em volta da bacia: ao norte, a depressão sertaneja setentrional; ao sul, parte da depressão sertaneja meridional; ao oeste, parte do complexo Ibiapaba.

Em termos ambientais, a Chapada do Araripe envolve três tipos de territórios:

-A Área de Proteção Ambiental do Araripe (APA- 1997) no centro com uma vegetação mais abundante: a Floresta Nacional do Araripe (FLONA- 1946).

-Áreas extensas no entorno da APA, semi-áridas, que devido à ação antrópica estão passando por um processo de desertificação parcial.

-Áreas urbanas, em processo de modernização.

Ao norte, a natureza do subsolo dessa bacia sedimentar torna a Chapada do Araripe um grande reservatório de água (aqüíferos), dando origem às inúmeras fontes de pés de serra: O Cariri cearense.

A ÁREA ARQUEOLÓGICA DO ARARIPE



Figura 2: Chapada do Araripe – Serra da Capivara - Seridó.

A Chapada do Araripe, que se situa entre a área do Parque Nacional Serra da Capivara e o Seridó, ainda é uma lacuna no estudo de aspectos importantes dos caminhos migratórios do homem na pré-história do Nordeste. Foram identificados sete sítios portadores de registros rupestres na área arqueológica do Araripe localizados nos municípios de Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri, Campos Sales e Mauriti, integrantes da região do Cariri cearense.

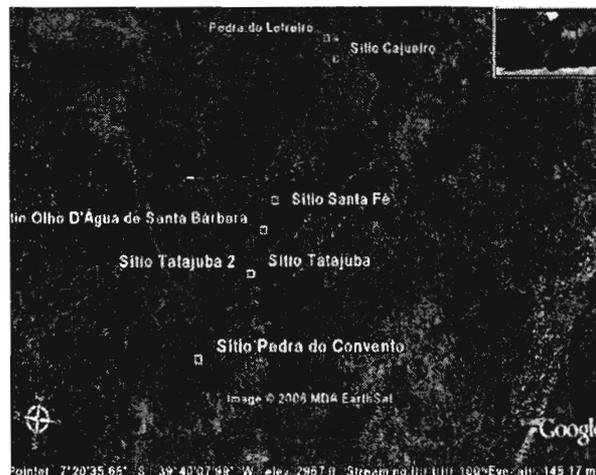


Figura 3: Localização dos sítios do Araripe.

Dividimos toda a encosta norte do Araripe (sul do Ceará) que se constitui a área em estudo, em três vertentes, de acordo com suas características geomorfológicas. Denominamos de “vertente norte” da Chapada, a vertente retilínea mais avançada em direção norte, a qual do vale sinclinal, os fluxos d’água correm para a sub-bacia do Rio Salgado à leste. As outras duas vertentes são côncavas: A leste, a sub-bacia do Rio Salgado, que forma no município de Crato, o fundo de um vale côncavo que se abre depois para uma várzea em direção os municípios de Milagres e Mauriti. E a vertente oeste, formando o vale estrutural da sub-bacia do Rio Cariús, entrada para o semi-árido cearense.

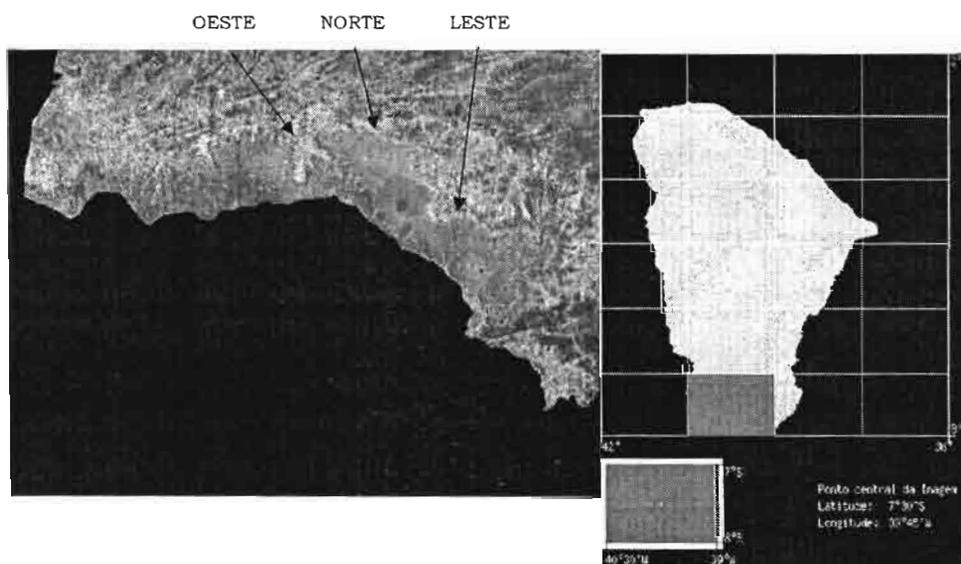


Figura 4: Vertentes do Araripe.

OS SÍTIOS PESQUISADOS

1. O Sítio Santa Fé

Localizado no município de Crato, este sítio está situado na alta vertente norte da Chapada do Araripe, a 850 metros de altitude, em um abrigo rochoso de arenito, próximo a nascente do Riacho dos Cários, com localização geográfica: S 07° 10'12.7" e W 039° 30'33.1". O sítio se

apresenta com um *corpus* gráfico de gravuras, onde encontramos também a presença no painel de gravuras pintadas.

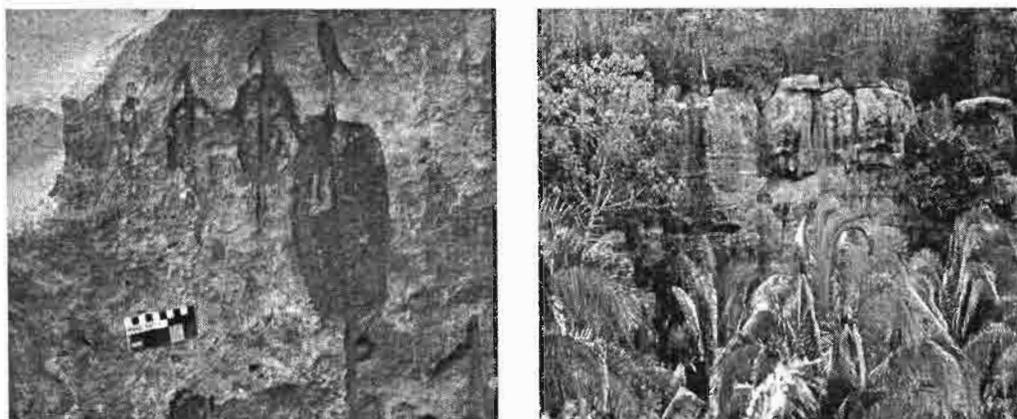


Figura 5: Gravuras pintadas e paredão do abrigo.

2. O Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara

Localizado no Município de Nova Olinda, com coordenadas geográficas S 07° 08'30.6" e W 039° 38'28.6", este sítio está situado na alta vertente norte da chapada já na fronteira com a vertente oeste, numa cota 100m mais baixa que o Sítio Santa Fé, a 750m de altitude. Nele estão presentes gravuras e pinturas. Mas estes grafismos não aparentam relações com as gravuras pintadas do Sítio Santa Fé.



Figura 6: Corpus gráfico do Sítio Olho d'Água e pinturas e gravuras.

3. O Sítio Tatajuba e Tatajuba 2

Estes sítios estão localizados no Município de Santana do Cariri, a 500m de altitude, com coordenadas geográficas S 07° 06'56.0" e W 039° 49'18.0" e S 07° 07'05.8" e W 039° 49'18.3". É uma região da encosta do Araripe onde predominam os abrigos calcários.

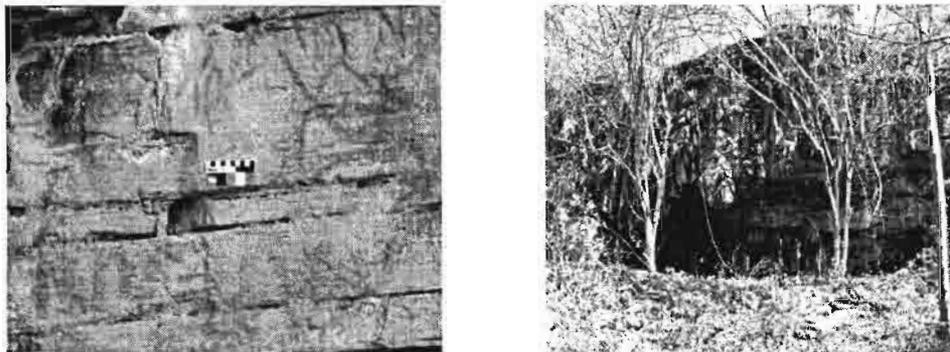


Figura 7: Pinturas do Sítio Tatajuba e abrigo do Sítio Tatajuba 2.

4. A Pedra do Convento

O sítio foi localizado a 628 metros de altitude, com coordenadas geográficas S 06° 57'53.7" e W 040° 09'59.5", numa zona gráfica constituída de gravuras com cinco sítios situados no espinhaço da Serra dos Bastiões, que margeia o rio do mesmo nome, integrante da sub-bacia do Rio Cariú.

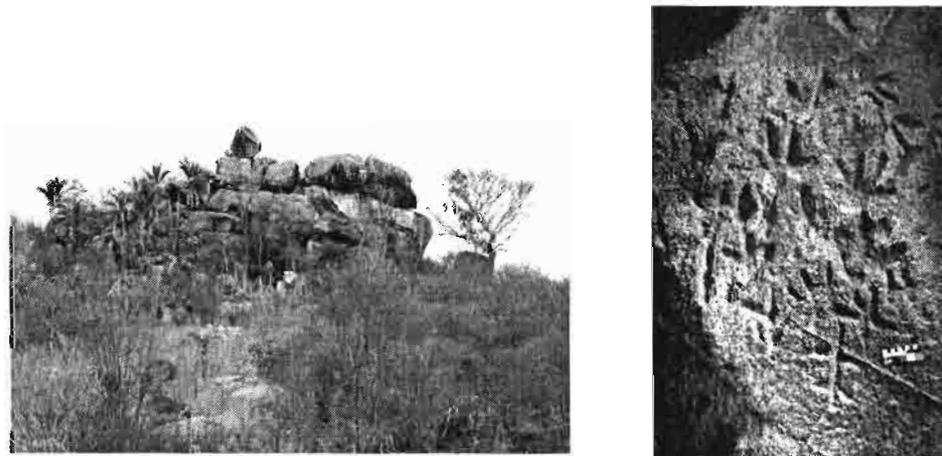


Figura 8: Vista do Sítio Pedra do Convento e suas gravuras.

5. A Pedra do Letreiro e o Sítio Cajueiro



Figura 9: Vista do Sítio Pedra do Letreiro e detalhe das pinturas.

À leste do Araripe, após o vale côncavo, uma várzea se expande ligando-se no extremo leste com a sub-bacia do Riacho da Brígida, o acesso hidrográfico do Araripe com o Rio São Francisco. Nesta região segregamos os dois sítios: a 400 metros de altitude, a Pedra do Letreiro com coordenadas geográficas S 07° 17'56.1" e W 038° 38'37.7" e o Sítio Cajueiro com coordenadas S 07° 21'43.03" e W 038° 45'30.39".

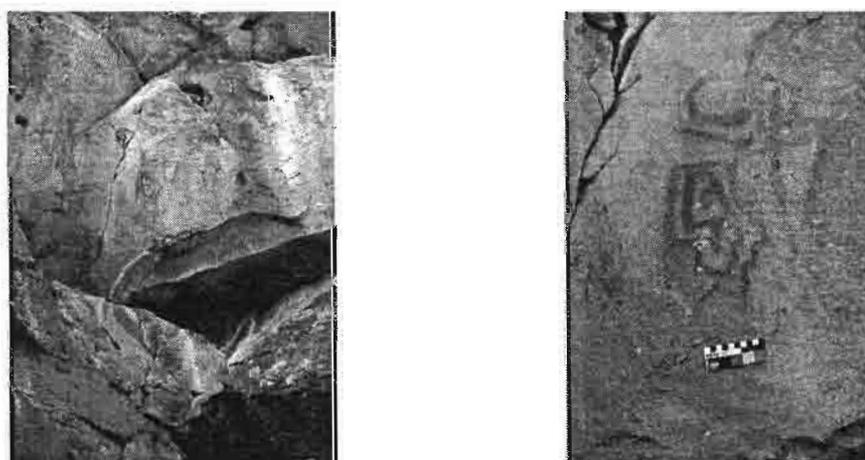


Figura 10: Vista do abrigo Sítio do Cajueiro e detalhe das pinturas.

AS GRAVURAS PINTADAS

Em um tempo pretérito, a totalidade do abrigo do Sítio Santa Fé era formado de uma fácies heterolítica única, composta de um arenito cimentado com quartzo, de maior dureza, com coloração avermelhada. Foi neste tempo que os autores das gravuras pintadas deixaram suas marcas no suporte. Esse grupo dominava a técnica de pintar gravuras. Concluimos que o Sítio Santa Fé não era um local de habitação, mas de algum tipo de ritual, um santuário², onde houve a repetição sistemática em quase todo o paredão de um símbolo gráfico muito importante para o grupo. Esse símbolo teve a função de ser um marcador de memória que perpetuasse a tradição cultural do grupo, contendo dessa forma uma narrativa mítica³.

No arenito do suporte mais recente (lado esquerdo do painel), outros autores gravaram, mas não dominavam a pintura. Porém repetiram o mesmo símbolo gravado anteriormente e inovaram com o conjunto gráfico das mãos, pés e tridígitos.

É interessante notar que não houve superposições nos grafismos. O que aconteceu foi um desgaste natural do suporte que pelos vestígios pictóricos existentes, concluimos que já era gravado e pintado, deixando um espaço livre para que fosse gravado posteriormente. Os autores que gravaram nesse novo suporte parecem que reconheceram os grafismos anteriores, os respeitaram e procuram reproduzi-los, à sua maneira, sem a pintura. Porém, muito tempo pode ter se passado entre as gravuras pintadas e as gravuras subseqüentes, uma vez que os tempos geológicos para o desgaste natural de um suporte, mesmo tratando-se de arenito, são mais longos do que o tempo para grupos humanos nômades de passagem por um lugar.

A composição da gravura com a pintura nas gravuras pintadas de Santa Fé formam, portanto, um produto gráfico intencionalmente elaborado para proporcionar aquele efeito visual de profundidade e, dentro dessa perspectiva, evocativo de uma temática ritualística. Não se tratava apenas de

um grupo com um domínio conjunto de duas técnicas, mas eles desenvolveram algo mais, chegando através do uso da cor e da noção de distanciamento entre as figuras, a uma técnica geradora de um efeito visual, ao qual estamos chamando de “impressionista”. Esse efeito visual só foi possível com ajuda de um suporte consistente, um arenito com a dureza⁴ necessária para realizar o gravado e perdurar a tinta. A cor vermelha da tinta ocre assumiu um papel central, modelando as gravuras e acentuando a profundidade.

AS GRAVURAS

No Sítio Santa Fé e no Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, existem gravuras que apresentam morfologia e temática semelhante. São gravuras de pés e tridígitos que se repetem nos dois abrigos. As escolhas do suporte para o gravado são do mesmo tipo de arenito friável da série superior do Araripe. Por ser o Olho D'Água de Santa Bárbara o sítio mais próximo de Santa Fé, seguindo da vertente norte no sentido oeste, acreditamos que essas gravuras possam pertencer a um mesmo grupo social posterior aos autores das gravuras pintadas.

Foi observado que no Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, essas gravuras estão superpostas pelas pinturas, o que não ocorreu em Santa Fé. Essa superposição ocorreu de forma parcial como é comum nas tradições de pinturas do Nordeste, onde a pintura não prejudicou a apresentação da gravura.

As gravuras do Sítio Pedra do Convento fazem parte de um outro contexto geomorfológico da área pesquisada. Acreditamos que as mesmas estejam relacionadas a uma zona de Itacoatiaras que poderiam ter descido o Rio Jaguaribe margeando o Rio Bastiões pelo espinhaço da sua serra ao encontro do Araripe.

Assinalamos, portanto, que na área existem a presença de dois perfis gráficos distintos para as gravuras não pintadas:

- O primeiro, das gravuras de altitude da Chapada. Este perfil, relacionado com as gravuras que aparecem no painel das gravuras pintadas do Sítio Santa Fé, mas em outro tempo gráfico, quando um grupo social que não pintava, preservou e repetiu o tema antigo do painel. Esse mesmo grupo social conviveu no ambiente pretérito do Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, anteriormente aos autores dos grafismos pintados.

- O segundo perfil gráfico está relacionado aos Rios Bastiões e Riacho Conceição, integrantes da região oeste do Araripe e pela análise, concluímos que fazem parte das Itacoatiaras nordestinas. As gravuras da Pedra do Convento foram realizadas com um outro tipo de técnica para atender as exigências de um ambiente com geomorfologia diferenciada, maior dureza e consistência do suporte. A temática da Pedra do Convento parece abordar uma temática ritualística comum as itacoatiaras nordestinas, “o culto às águas”.

AS PINTURAS

A Pedra do Letreiro, localizada no vale do Cariri, é até o momento o sítio mais expressivo com registros gráficos pintados que temos notícias na região, apresentando uma variedade técnica, porém conservando sua temática, com a presença de antropomorfos caracterizados com vestimentas e a predominância de grafismos não reconhecíveis.

Neste sítio encontramos uma ‘possível’ representação do emblemático “dorso contra dorso” da Tradição Nordeste de Pinturas. Na Pedra do Letreiro também estão presentes uma variedade de grafismos não reconhecíveis, na sua grande maioria denominados de “geométricos”⁵.

Por outro lado, a pouca expressividade dos sítios com pinturas na altitude do Araripe deve-se ao fato principalmente da degradação que os fatores naturais causaram nos suportes pintados do arenito friável e do calcário.

O que parece ter ocorrido é que grupos humanos caçadores e coletores podem ter vindo do vale do São Francisco ou da Paraíba, já durante o período Holocênico, migrantes talvez das áreas do Seridó ou da Serra da Capivara. Chegando ao vale do Rio Salgado e avistando o Araripe, subiram vale à cima, contornando a vertente leste pela Serra de São Pedro (a nordeste). Esses grupos teriam alcançado a vertente mais avançada (norte) e dali se expandido rumo ao oeste do Araripe, chegando ao Olho d'água e ao Tatajuba.

Não temos ainda indícios de registros gráficos na fronteira da Chapada do Araripe com o Piauí, no extremo oeste. Também não foi localizado no vale norte e oeste, nenhuma zona gráfica de pinturas. Outra possibilidade seria grupos humanos em momentos climáticos propícios, ultrapassarem a barreira florestal, de escassez d'água e caça do cimo do Araripe no sentido sul/norte (Pernambuco-Ceará). Mas ainda não foi possível verificar essa hipótese. Continuamos com a incógnita para as vias de penetração desses grupos no Araripe.

No Sítio Olho d'Água de Santa Bárbara, encontramos pinturas superpostas às gravuras que estão relacionadas ao segundo tempo gráfico do Sítio Santa Fé. Isso pode significar que as pinturas desse sítio correspondem a um terceiro tempo gráfico no Araripe, posterior as gravuras pintadas e as gravuras.

O Sítio Tatajuba, numa altitude inferior aos sítios Santa Fé e Olho D'Água de Santa Bárbara, apresenta-se também com superposições gráficas, onde foram observados 3 tempos gráficos. No caso dessas superposições gráficas, não temos dados suficientes para relacioná-las com os grafismos de Santa

Fê, do Olho d'Água de Santa Bárbara e nem aos grafismos da Pedra do Letreiro.

Com relação aos sítios de pinturas assinalamos algumas características técnicas e temáticas presentes na área. A utilização preferencial de tinta vermelha ocre com variedades de tonalidade e densidade é a dominante em todos os sítios de pinturas analisados, seguida em pequena proporção do amarelo ocre e do preto.

Os desenhos gráficos das pinturas se apresentam com contornos abertos, fechados e em menor quantidade com contorno preenchido no interior, no caso dos zoomorfos. Nessas figuras zoomórficas com contornos preenchidos (Sítio Olho D'água de Santa Bárbara, Pedra do Letreiro) há uma predominância de lagartos;

Foi observado a presença de alguns borrados nos contornos dos grafismos pintados, tanto nos sítios de altitude, como nos sítios do vale. Pela análise dos traçados das pinturas, observamos que o dedo pode ter sido a utilização preferencial como instrumento para pintar. Mas provavelmente outros instrumentos também foram utilizados: pincéis de consistência grossa, fina e algum tipo de fibra.

As figuras antropomórficas se apresentam esquemáticas (no Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, Tatajuba, Pedra do Letreiro e Sítio Cajueiro). Algumas figuras humanas usando vestimenta (Pedra do Letreiro) e duas figuras antropomórficas dorso contra dorso (Pedra do Letreiro).

Pela nossa análise pode-se observar que nos sítios do Araripe predominam uma maioria de grafismos não reconhecíveis com uma tendência à geometrização. São pinturas de linhas sinuosas, linhas onduladas, linhas circulares, linhas duplicadas paralelas, traços paralelos contínuos, pontilhados, triangulares, retangulares, círculos concêntricos, linha seqüenciais de traços em formas "x" e de "v".

Com relação ao tempo gráfico, foram assinaladas a presença de superposições gráficas em três dos sítios analisados (Sítio Olho D'Água de Santa Bárbara, Sítio Tatajuba e Sítio Pedra do Letreiro, indicando tempos de realização gráfica distintos para as pinturas do Araripe.

Através da variedade de características dos perfis gráficos analisados e do estudo das superposições gráficas, apontamos a presença pretérita de uma diversidade gráfica no Araripe. Essa diversidade gráfica seria o produto de grupos sociais distintos que teriam alcançado o Araripe em busca de um refúgio ambiental para suas sobrevivências, em tempos cronológicos diversificados, provavelmente durante as várias flutuações climáticas no Pleistoceno Final ou início do Holoceno. Como não trabalhamos diretamente com dados cronológicos, não temos como precisar quando chegaram esses grupos. Apenas assinalamos tempos gráficos distintos, de acordo com a análise dos suportes e das superposições gráficas.

Rosiane Limaverde

E-Mail: fundacalcasagrande@veloxmail.com.br

NOTAS

¹ Os registros rupestres da Chapada do Araripe, no Ceará foi objeto de estudo desta autora em dissertação apresentada ao programa de Arqueologia e Preservação do patrimônio da UFPE, para obtenção do grau de Mestre, em Junho/2006, com a orientação da Dra. Gabriela Martin.

² Um lugar evocativo de um rito. Templos, casas, cidades, sepulturas, estábulos, árvores, objetos, pedras, animais e até cacos de cerâmica podem ser considerados santuários. (Marconi; Presotto, 1989:171).

³ O discurso mítico sofre um processo de mutação com o passar do tempo, afetando diretamente a dinâmica dos acontecimentos. A narrativa mítica se transforma ganhando novos e múltiplos significados que são evocados ritualmente para buscar a dimensão ontológica do mito. (Eliade: 2002).

⁴ Fácies heterolítica de arenito quartzoso.

⁵ Segundo Martin (1996: 262): " A definição de geométrico é aplicada quando o grafismo lembra alguma das formas geométricas conhecidas... o problema é subjacente à ambigüidade das definições e à escolha do que pode ser considerado "geométrico" para definir uma tradição com esse nome".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPANEMA, Guilherme Schuch. (1859) in PINHEIRO, Irineu (1950). Fortaleza, Instituto Cultural do Cariri.

ELIADE, Micéia. (2002). Mito e Realidade. Editora Perspectiva. Coleção Debates. 6º edição.

MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia. (1989). Antropologia uma introdução. São Paulo, Editora Atlas. 2ª. edição.

MARTIN, Gabriela (1996). Pré-História do Nordeste do Brasil. UFPE, Recife. 2ª edição.